A POESIA DO MUNDO: PRINCÍPIOS DE ANÁLISE DO GÊNERO LÍRICO NAS LITERATURAS AFRICANAS

THE WORLD POETRY: PRINCIPLES OF ANALYSIS OF THE LYRIC GENRE IN AFRICAN LITERATURES

Adilson Vagner de Oliveira[1]
Eduarda da Rosa Zanella[2]
Larissa Dias Scariote[3]

RESUMO: Este trabalho analisa a produção poética de Mia Couto a partir de três composições líricas: Destino, Identidade e O espelho, presentes na obra Raiz de Orvalho e outros Poemas (2008). Buscou-se refletir sobre os elementos composicionais da escrita lírica do autor, a fim de estabelecer um panorama objetivo das principais temáticas abordadas. Trata-se de poemas que discutem questões ligadas à condição existecial em que a vida, o destino e o envelhecimento podem tornar-se material poético, além de reflexões relevantes sobre a formação de uma identidade nacional.

Palavras-chave: Gênero Lírico; Literaturas Africanas; Mia Couto

ABSTRACT: This paper analyzes the poetic production of Mia Couto from three poems: Destino, Identidade and O espelho, from the work Raiz de Orvalho e outros Poemas (2008). We sought to reflect on the compositional elements of the author's lyrical writing, in order to establish an objective overview of the main themes addressed. These are poems that discuss issues related to the existential condition in which life, destiny and aging might become poetic material, as well as relevant reflections on the formation of a national identity.

Keywords: Lyric Poetry; African Literatures; Mia Couto

Introdução

Diante da intensa dinâmica dos gêneros literários em língua portuguesa no contexto africano, a poesia de Mia Couto tem-se tornado intensamente *corpus* de inúmeras reflexões (SECCO, 2006; RODRIGUES e FAHLS, 2006; SOARES, 2011; CALDAS, 2012). Desse modo, com o objetivo de analisar o universo de composição poética das literaturas africanas em língua portuguesa, este trabalho visa investigar as configurações do elemento estético e temático da poesia de Mia Couto, a fim de estabelecer um panorama aproximativo do texto lírico do autor com os pressupostos consagrados dos estudos pós-coloniais, em especial, o

[1] Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT Campus Avançado Tangará da Serra.
Mestre em Estudos Literários e Doutor em Ciência Política. E-mail: adilson.oliveira@tga.ifmt.edu.br
[2] Bolsistas de Iniciação Científicas do CNPq. Membros do Grupo de Pesquisa "Literaturas Africanas em perspectiva comparada: História, Política e Sociedade".

gênero lírico, a partir de três poemas do autor: “Destino”, “Identidade” e “O Espelho” da obra *Raiz de Orvalho e Outros Poema*s (2008).

Desse modo, busca-se inicialmente compreender alguns dos principais fundamentos do gênero lírico na atualidade, com destaque às características particulares da poesia africana em língua portuguesa. A partir desse enfoque, torna-se também necessária uma reflexão sobre a questão de identidade, como importante característica dos textos pós-coloniais como um todo. E por fim, pensar poeticamente o elemento existencial também como um desdobramento da construção de identidades, ou seja, como o envelhecimento acaba por construir um novo ser dentro da composição lírica do escritor e poeta moçambicano, Mia Couto.

O universo poético africano: as configurações do gênero lírico

O gênero lírico possui em sua própria natureza, a intrínseca necessidade de discutir em suas palavras a subjetividade da existência humana. O ser, enquanto também elemento da natureza, defronta-se constantemente com o enorme desafio de entender a sua própria existência, em meio à profunda rede de dúvidas e incompreensões sobre as coisas do mundo, sujeito e objeto de interpretação se fundem no mesmo organismo.

Desse modo, a composição lírica adquire funções reflexivas que tomam os sentimentos e os pensamentos provenientes da realidade como material poético para a criação literária. A poesia, ainda que sempre despida de qualquer responsabilidade de receber atribuições objetivas diante dos percursos históricos das sociedades modernas, possui em seu núcleo a humanidade como principal elemento criativo.

Para Octavio Paz (1982), a poesia deve ser tomada como uma forma de conhecimento e poder, pelo qual se podem mudar as coisas do mundo, uma vez que a criação poética tende a ser naturalmente revolucionária, resistente e libertadora. A poesia pode revelar este mundo, ao mesmo tempo em que cria universos paralelos, subjetivos da realidade, além de sintetizar, claro, os meandros do inconsciente. Trata-se de uma expressão histórica das nações e das classes, pois em seu núcleo criativo os conflitos objetivos tornam-se experiências e emoções.

Assim, acessar o universo poético de sociedades que compartilham das mesmas características históricas e sociais, com forte traço de proximidade e solidariedade, permite ao intérprete literário entrar em contato com reflexões sobre sua própria humanidade. As experiências do ser e os elementos da memória histórica se compactuam em nome da arte e da criação. E é a partir dessa perspectiva que se tem aqui o desafio de acessar o gênero lírico

produzido por autores africanos, para que se possam estabelecer vínculos de aproximação com outros universos poéticos.

Busca-se conhecer outras esferas criativas, não somente pelo ideal investigativo da proposta interpretativa, mas pela mais simples necessidade humana de tentar conhecer a si mesmo através da palavra do outro. E nesse momento, tomam-se os escritos poéticos de Mia Couto, como uma tentativa de revelar a criação lírica africana e defrontar-se com as grandes reflexões sobre o Homem e a sua existência. Assim, o poema "Destino" configura-se como o refletir do tempo, o trajeto do homem e de suas poucas certezas.

Pelas ordenações do destino, o ser humano acaba por aceitar os desdobramentos do percurso existencial, pouco pode saber sobre até que ponto possui poder e domínio sobre suas próprias decisões, é incapaz de discernir o que são suas escolhas e o que é o acaso. Encontra-se diante de um dos maiores desafios do Homem, o sofrimento da aceitação, perceber as suas limitações frente à natureza e aceitar a passagem do tempo e das pessoas.

A partir desse contexto, encontra-se o poema "Destino" de Mia Couto (2008), como um deslumbre sobre a vida e a morte. A certeza do fim e a consequente aceitação do eu poético nutrem uma consciente tristeza do envelhecimento e da solidão que lhe é causada pela passagem do tempo:

Destino

À ternura pouca
me vou acostumando
enquanto me adio
servente de danos e enganos
vou perdendo morada
na súbita lentidão
de um destino
que me vai sendo escasso
conheço a minha morte
seu lugar esquivo
seu acontecer disperso
agora
que mais
me poderei vencer?

Servindo-se da imagem poética do destino, como força metafísica que domina a trajetória humana, o eu lírico sofre pelo abandono e pela relativa consciência de seu isolamento "*à ternura pouco/ vou me acostumando*". O sentimento de incapacidade de ação do indivíduo, diante dos desfechos encabeçados por esse "destino" que teoricamente lhe isenta de responsabilidades e autorias, também lhe demonstra os efeitos da própria vivência

errante, como em "*servente de danos e enganos*", onde a voz lírica assume o mal causado a outrem em justificativa às incompreensões sobre o próprio comportamento, se foram enganos, havia a ação impensada, o gesto de ofensa inconsiente e as más decisões.

Contudo, somente o envelhecimento seria capaz de permitir ao ser humano a crítica tomada de consciência sobre o passado e dos possíveis erros que eu lírico tenha causado ao mundo. E assim, o trecho "*vou perdendo morada/ na súbida lentidão/ de um destino/ que me vai sendo escasso/ conheço a minha morte*" revela a proximidade do fim existencial e por meio do lento processo de conscientização e reflexão sobre a morte, o destino lhe é posto como um companheiro de decisão, um sábio que domina os trajetos da vida em direção à morte e que possui "*seu lugar esquivo",* do qual o ser humano não pode escapar.

E como último resquício de ação do eu poético, uma pergunta é subitamente lançada, "*o que mais me poderei vencer?"* para talvez encerrar o poema, mas jamais o questionamento sobre a força do destino, se há destino. E dessa maneira, o poema cumpre sua função de existir, distancia-se da materialidade do mundo, decompõe-se em subjetividades e enfrenta o desafio de pensar a existência e o fim. O ser humano exercita a reflexão contínua sobre as escolhas, as ações e as consequências, mas pouco pode afirmar frente às inúmeras incertezas que lhe movem. Atribuir à entidade "destino", tirar-lhe das costas parte da culpa e dos erros cometidos ao longo da vida, faz com que o indíviduo padeça menos, principalmente nos momentos de proximidade da morte.

Enfim, a poética de Mia Couto se universaliza, torna-se poesia do mundo, desterritorializa-se, permite a todas as pessoas a reflexão existencial e o autoconhecimento. Em outras palavras, cumpre seu papel de restaurar a subjetividade do ser humano e a sua própria humanidade.

A identidade moçambicana na poesia de Mia Couto

A história cultural de Moçambique esteve estritamente ligada ao passado colonial com a metrópole Portugal (CHAVES, 2005). As marcas das diferenças entre os dois países tornaram-se elementos intrínsecos à produção literária pós-colonial, contudo, a constante tentativa dos escritores moçambicanos de construir uma própria identidade, distanciando-se do mundo português, faz com o tema seja frequente também na composição poética.

Entretanto, pensar a constituição cultural da África significa refletir sobre "a história de sua resistência, alguns elementos que nos levam a refletir de maneira menos imediatista sobre a relação da própria África com as heranças que lhe foram impostas ao longo dos

séculos” (CHAVES, 2005, p.247). Trata-se de entender a pluralidade histórica da formação dos estados nacionais e do próprio sentimento de nacionalidade como um todo.

No caso específico de Moçambique, sabe-se que o país possui vários grupos étnicos em sua sociedade, decorrente da formação plural e da influência de outros povos. Evidentemente, o país que teve grande preponderância na cultura moçambicana foi Portugal, devido ao contexto histórico da colonização lusitana nos territórios africanos. Por este motivo, considera-se que a cultura moçambicana caracteriza-se pelo próprio princípio do hibridismo, no qual a coexistência de grupos étnicos, culturas e línguas, atribui ao país identidades plurais (ABDALA JUNIOR, 2004).

Pode-se analisar para melhor entendimento da cultura híbrida moçambicana o poema “*Identidade*” de Mia Couto, presente também em “*Raiz de Orvalho e Outros Poema*s” (2008). No poema o eu lírico tenta se autodefinir e retratar sua própria identidade, originada desta junção da cultura moçambicana e dos seus colonizadores.

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço.

Na primeira estrofe o eu lírico se utiliza das palavras “*outro*” e “*eu mesmo*”, afirmando desse modo que a sua identidade descende da cultura do povo moçambicano com influências de seus colonizadores. Consequentemente, ele afirma que sua cultura e de seu povo teve grandes influências desse outro, existindo assim uma cultura miscigenada, com elementos moçambicanos e portugueses. Não é possível fazer com que este outro despareça, pois assim estaria extinguindo a sua própria identidade, que depende em diversos aspectos do outro presente no poema.

Do mesmo modo a voz lírica utiliza-se da metáfora "*sou grão de rocha*" e "*sou o vento que a desgasta*". Nestes trechos o grão de rocha simboliza a cultura moldada por aspectos estrangeiros, ou seja, elementos que são agregados a sua identidade que descendem do Outro. Ao mesmo tempo o vento que desgasta esta rocha torna-se a cultura moçambicana do eu lírico que permaneceu, e que mesmo com o domínio português não foi extinta de sua identidade.

Posteriormente, tem-se a confirmação desta identidade própria do eu lírico, no trecho "*sou pólen sem inseto*". O pólen pode representar a cultura que permaneceu após a sua independência, ou seja, a nova realidade do povo moçambicano. Depois de anos sob o domínio do povo português ocorreu a independência, o "*inseto*" não é mais o represor, e o que predomina agora é o próprio pólen, a cultura miscigenada e a nova identidade. Também tem-se a utilização da "*areia sustentando o sexo das árvores*", onde a areia seria esta cultura pós-independência. Já as árvores seriam as próximas gerações que se espelhariam e cresceriam nesta nova terra, seriam sustentadas e influenciadas por esta cultura miscigenada.

Na quinta estrofe temos novamente a presença dos colonizadores, "*existo onde me desconheço*", onde se retoma como a presença dos portugueses repercutiu na identidade cultural, e como este desconhecido interviu no que chamamos de povo moçambicano. O passado retratado seria a história da repressão do povo português sobre a cultura do eu lírico, e como ele anseia por um futuro onde se tenha uma identidade reconhecida e inerente.

Na última estrofe o eu lírico afirma "*No mundo que combato morro/ no mundo por que luto nasço*", neste trecho afirma-se que ao tentar combater e apagar o passado colonial, o eu lírico estaria apagando a si mesmo, pois a sua identidade só foi construída a partir da história de seu povo e como o domínio colonial se concretizou no território moçambicano. Já o nascer seria a reconstrução e renascimento dessa identidade, e como o eu lírico luta para que ela permaneça na história e memórias de seu povo.

A poética do tempo em Mia Couto: a vida em poesia

Como produto da vida social, o gênero lírico trabalhado por Mia Couto reflete também os processos de modernização e urbanização da sociedade africana. Trata-se de uma estética de enfrentamento às questões problematizadores que envolvem a formação de identidades em diálogo com o seu tempo e com as mudanças sociais (SOARES, 2011). Por isso, a composição poética do autor merece um tratamento de interpretação que empreenda também

as relações do eu e o outro, como princípios basilares de elaboração literária para o contexto africano de forma geral.

Para Secco (2006), a produção literária de Mia Couto produz um encadeamento de intertextos e símbolos que refletem as crenças dos povos moçambicanos. Assim, sendo concebidos como substância imateral da humanidade, os textos poéticos do escritor produzem um profundo paralelo estético com a construção linguística. Portanto, torna-se capaz de materializar sentimentos e questionamentos existenciais muito relevantes para a produção literária em língua portuguesa. A partir dessa perspectiva, cabe à voz lírica do autor refletir também sobre o tempo e seus desdobramentos subjetivos, e como a passagem do tempo é algo inevitável, mas que causa medo e apreensão na maioria das pessoas, o elemento temático fundamenta a reflexão interpretativa. Assim, quanto mais tempo se passa, mais velho vão se tornando as coisas e as pessoas. Mas por que isso ainda causa espanto?

Nas palavras de Schneider e Irigaray (2008) a caracterização do indivíduo como velho é dada quando ele começa a ter lapsos de memória, dificuldade de aprendizado e falhas de atenção, orientação e concentração, comparativamente com suas capacidades cognitivas anteriores. O ser humano começa a entrar em decadência física e necessita cada vez mais de ajuda do outro. Dessa forma, o medo não é da velhice, mas do que ela traz consigo, tal como a aproximação da morte, o fim da jornada. Essas associações negativas atravessam os séculos e permanecem até os dias de hoje, sendo considerada a parte mais "detestável" da vida (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008). A juventude é o novo, um papel em branco pronto para ganhar experiência, enquanto na velhice ele já está preenchido e inapto às mudanças.

Mia Couto escreve o poema "O Espelho" em que tenta demostrar essa passagem do tempo e como finalmente o eu lírico aceita sua idade e seu envelhecimento. Ele tenta demostrar a aceitação da nova identidade adquirida pelo eu lírico com o passar do tempo.

O Espelho

Esse que em mim envelhece
assomou ao espelho
a tentar mostrar que sou eu.

Os outros de mim,
fingindo desconhecer a imagem,
deixaram-me, a sós, perplexo,
com meu súbito reflexo.

A idade é isto: o peso da luz
com que nos vemos.

A imagem poética do espelho tende a relacionar-se a um objeto muito conhecido por mostrar a realidade, nele não existe espaço para a mentira ou para a enganação, a verdade é refletida de forma real e simultânea seja ela qual for. Na primeira estrofe, o eu lírico cria uma extensão de si, como se ele fosse outra pessoa, uma que ainda não aceita a realidade observada no espelho. Essa extensão dele próprio se soma a imagem do espelho, e juntas tentam mostrar a verdade que até o momento o eu lírico não aceitou, sua nova pessoa "*Esse que em mim envelhece/ assomou ao espelho/ a tentar mostrar que sou eu*".

Na segunda estrofe, a voz poética menciona que as outras versões dele, a versão criança, adolescente e agora adulta, não reconhecem sua imagem, não aceitam por um pequeno período de tempo, aquilo que veem no espelho, "*Os outros de mim,/fingindo desconhecer a imagem"*. Entretanto quando compreendem o que estava acontecendo, quando enxergam o que está exposto diante deles, aqueles "eus" deixam o "eu" do presente, para que ele aceite sozinho sua nova identidade. O eu lírico fica perplexo no momento que ele entende o que está exposto bem a sua frente, sua realidade, a realidade que até o momento ele não conseguia visualizar com clareza. "*deixaram-me, a sós, perplexo,/ com meu súbito reflexo*".

Na última estrofe, ele finalmente aceita sua nova identidade, sua velhice, e ainda compara esse passar do tempo com a luz. Quanto mais luz, com mais clareza ele conseguirá enxergar o que se tornou. A luz também é compreendida como uma metáfora para a experiência. Quanto maiores forem suas experiências, mais sábio torna-se e com mais facilidade percebe que o tempo passou e a velhice também chega a sua porta. Conduzindo o ser à aceitação de como é, "*a idade é isto: o peso da luz/com que nos vemos*".

Considerações finais

Como importante elemento cultural de um país, a poesia toma uma posição central em reflexões sobre o alcance do fazer literário e a instrínseca capacidade do gênero lírico em discutir o ser o humano em sua incompletude. Assim, diante do enorme desafio de aprofundar as investigações literárias sobre a poesia africana em língua portuguesa, este trabalho buscou analisar os elementos estéticos e a temáticos mais significativos nos poemas do escritor moçambicano Mia Couto.

As investigações apontaram para três temas marcantes para descrever a produção poética do escritor a partir dessa amostra poética, iniciando-se por reflexões que envolvem o poder do destino sobre a existência humana e todos os seus efeitos sobre o percurso da vida, culminando em questinamentos durante o envelhimento. Discutiu-se também sobre como o próprio processo de envelhecimento produz mudanças importantes na construção de identidade do indivíduo, uma vez que a nova condição do ser humano diante da morte próxima configura-se como uma outra identidade a ser trabalhada pela consciência do indivíduo. E por fim, a questão da aproximação cultural e seus desdobramentos na constituição identitária de um povo, em destaque na análise a formação da identidade moçambicana frente ao passado colonial subjulgado ao poder cultural do colonizador.

Desse modo, pode-se estabelecer um apanhado geral em que o indivíduo e sua constituição social tornam-se importantes ferramentas temáticas para a composição liríca também nas literaturas africanas em língua portuguesa. Por isso, a relevância de se aprofundar as investigações a partir de um número maior de amostras literárias, principalmente constituintes do gênero lírico, pois a poesia pode fornecer um panorama muito rico sobre a produção africana em geral que em consonância com outros gêneros literários podem colaborar imensamente para a compreensão das literaturas do continente.

E assim, como um dos mais expressivos escritores em língua portuguesa da atualidade, Mia Couto pode oferecer direcionamentos indispensáveis para os estudos literários, com enfoques direcionados à crítica pós-colonial, pois, permite aos intérpretes do universo literário africano reconhecer marcas e rastros culturais significativos para a constituição de um novo discurso nacional de liberdade e de pertencimento, além de resgatar elementos do passado comum entre vários países do continente que constituem entre si um procedimento poético de solidariedade e aproximação devido aos eventos históricos compartilhados por essas nações recém estabelecidades política e culturalmente.

Portanto, a poesia africana em língua portuguesa possui em si mesma a natureza extremamente dialógica e colaborativa com as literaturas de outros países lusófonos, como Portugal, Brasil e Angola, o que faz desse gênero um elo de união cultural indispensável para se pensar o processo de compreensão sobre o outro no mundo.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Margens da Cultura:** mestiçagens, hibridismo e outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004.

CALDAS, Tatiane A.S. A autorreflexividade em Mia Couto. **Cadernos do CNLF**, vol. xvi, nº 04, t. 1., 2012.

COUTO, Mia. **A raiz do orvalho e outros poemas**. Lisboa: Caminho, 2008.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982.

SCHNEIDER, R. e IRIGARAY, T. **O envelhecimento na atualidade:** aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Campinas: Estudo de Psicologia, 2008.

SECCO, Carmen L. Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos. **Via Atlântica** nº 9 Jun/2006.

SOARES, Eliane V. Literatura e estruturas de sentimento: fluxos entre Brasil e África. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 26 Número 2 Maio/Agosto 2011.

ROGRIGUES, O.P. e FAHL, A.O.F. A questão identitária na poesia: uma análise de Raiz de Orvalho, de Mia Couto**. Revista de Letras**, Vol. 8, N° 2, 2016.